

QUE CORAGEM É PRECISO PARA SUSTENTAR A NOSSA ESPERANÇA

A atual discussão em torno da **eutanásia** é sintomática de uma **perda do desejo de viver, bem mais difundida do que gostaríamos de admitir ou enfrentar**. Um momento como este recorda-nos quanta coragem é necessária para sustentar a nossa esperança e a daqueles que têm os olhos postos em nós. Diante do sofrimento, as perguntas explodem: “Porquê eu? Como é possível aguentar isto? Se a vida é isto, valerá ainda a pena vivê-la?”.

Todos temos estas perguntas que gritam por um sentido, ainda que muitas vezes pareçam obscurecidas ou anestesiadas, como se aquilo que até há pouco era evidente deixasse de o ser, quer nos jovens muitas vezes sufocados pelo contexto em que vivem, quer em quem, preso a uma cama e à dor para a qual não vê nem fim nem finalidade, vê a realidade como obstáculo ao seu desejo de felicidade. **Mas a eutanásia não soluciona este drama.**

1. Diz um doente com ELA (esclerose lateral amiotrófica), também médico, numa entrevista: “Desculpe, mas acha que **há alguém que gostaria de viver assim?** Na sua opinião, quando há dez anos entrava nas salas de cuidados intensivos e via pessoas entubadas, que viviam alimentadas por tubos e em condi-

ções precárias, o que acha que eu disse e pensei? Eu nunca, nunca quererei viver assim. Em vez disso, deixem-me morrer”. E acrescenta: “Mas a doença permitiu-me perceber como é belo pedir ajuda e, sobretudo, se nós, doentes, formos adequadamente assistidos, que **não há doença que impeça a vida de ser um direito e de permanecer um dom** de tal forma a ser vivido até ao fim”.

2. Conta também uma médica oncologista: “Quando o cancro chega, quando a dor chega, é como se a vida fosse posta a nu. E **tudo se simplifica, nascem as perguntas verdadeiras**. Descobri que o cancro nem sempre tira a vida, mas pode dar a vida. Porque **o homem vivo é o homem que pergunta**”.

3. Conta-nos ainda uma professora do 2º ciclo: “Enquanto professora, vejo que os mais novos olham-nos e pedem-nos que os ajudemos a manter viva a esperança de que vale a pena ter nascido, de que é **possível ser feliz**. Eles são capazes de nos bombardear com perguntas existenciais, perguntas sobre o sentido da vida e da morte, e do sofrimento”. Para esta professora, o drama que enfrenta, cada dia, quando entra na aula, é **decidir sustentar o desejo infinito do coração dos seus alunos, ou relativizá-lo.**

4. No início deste segundo confinamento, a Estrutura Hospitalar de Contingência de Lisboa lançou um apelo a voluntários para apoiar profissionais de saúde em tarefas de cuidados de doentes e apoio administrativo, com mais de 18 anos e que já tivessem sido infetados pelo vírus. **Pediam-se 80 voluntários. Houve mais de 845 inscrições.**

Nesta pandemia, vimos traços de esperança esboçarem-se em tantos que não deixaram de afirmar, mesmo com sacrifício na sua vida: em **capelães hospitalares** ou em tantos **jovens voluntários dos ComVidas** em lares de idosos com Covid (onde todos fogem, eles entram); em **médicos e enfermeiros** que trabalham sem desistir de responder aos seus doentes; na **dedicação de tantos professores** na continuação da relação com os seus alunos através do ensino à distância, **porque é a via que a realidade, agora, permite**, ou ainda na criatividade de **empresários e trabalhadores** que reinventam as suas empresas para não fecharem as portas.

Uma esperança que encontra eco naqueles **tantos que se voluntariaram para ajudar na primeira linha**, mesmo discretamente e em trabalhos simples (dez vezes mais que os necessários, e num contexto de crise extrema e de dificuldade), demonstrando como nos impele um **desejo de viver e não deixar morrer**.

Esse mesmo desejo impeliu também alguns a participar no debate público, movidos pela necessidade de afirmar e testemunhar que o problema colocado merecia a procura de uma resposta verdadeira que não se esgota apenas no debate político

-partidário.

As perguntas que a vida suscita pedem uma resposta credível, uma resposta que **só pode dar quem as atravessou**, quem não as cancelou, **quem vive a sua razão como abertura, deixando-se interrogar pela vida**, quem não vive uma razão atrofiada, fechada, que cancela as perguntas. **Precisamos de adultos que não têm medo das perguntas da razão**. Sobretudo das perguntas que explodem diante do sofrimento: **“Porquê eu? Como é possível aguentar isto? Se a vida é isto, valerá ainda a pena vivê-la?”**. Estas perguntas têm dentro **uma estrada de bem que é possível percorrer** na companhia de Cristo que veio ter connosco e que, para dar a única resposta total, **sofreu e morreu como nós, atravessou a contradição de uma vida que parece que não vence**. E fê-lo vencendo a morte, permanecendo ao nosso lado, para sempre. Responde às nossas perguntas com a **Sua Presença, visível, hoje, ao lado de quem sofre**.

Por isso, insistentemente nos **relembra os nossos bispos** que toda a vida humana tem valor e “agora, mais do que nunca, reforçamos o nosso propósito de **acompanhar com solicitude e amor todos os doentes, em todas as etapas da sua vida terrena e, de modo especial, na sua etapa final**”.

Olhar para aqueles que já o fazem **sustenta a nossa esperança e abre uma possibilidade de caminho, que não queremos deixar de percorrer** com todos aqueles que encontramos.

Março de 2021